



## **PROJETO MEMÓRIAS HISTÓRIAS DA FACED: REMEMORAÇÕES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS (1970-2010)**

**VALESKA ALESSANDRA DE LIMA<sup>1</sup>**

### **Por onde iniciou a pesquisa**

Este é um estudo sobre memórias de professores relacionadas às experiências vividas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (FACED/UFRGS), entre as décadas de 1970 e 2010. Para além da construção da história desta instituição de formação de professores, a investigação está especialmente interessada em compreender como esses professores rememoram o tempo vivido na Faculdade e percebem pela composição de suas reminiscências, as marcas que mesma lhes deixou.

A História da Educação no Brasil ainda é um campo fértil para as investigações sobre as memórias das instituições educativas. De acordo com Gatti Júnior (2002), a História das Instituições Educacionais faz parte de uma tendência da historiografia que confere relevância ao exame das singularidades sociais presentes em uma instituição ao invés das análises de conjunto. Estas investigações contribuem para a construção de narrativas sobre os diferentes processos, além de formular novas interpretações sobre a educação a partir das relações existentes naquele local. Este deslocamento da perspectiva geral para uma específica tem a intenção de demonstrar as peculiaridades das instituições educativas, privilegiando-as como “um arsenal de fontes e de informações fundamentais para a formulação de interpretações sobre elas próprias e, sobretudo, sobre a história da educação brasileira” (GATTI JÚNIOR, 2002, p. 4).

O objetivo geral desta pesquisa é dar visibilidade a produção de histórias da Faculdade de Educação, com ênfase nos discursos oriundos das narrativas dos professores, sujeitos que ajudaram a construir esse espaço pioneiro de formação no Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, o projeto “Memórias e Histórias da FACED” realizou entre 2010 e 2014, dezessete entrevistas e uma Roda de Memórias com antigos servidores da Faculdade. Pessoas que carregam na memória não só as recordações sobre a instituição, mas sobre diferentes processos educacionais de âmbito nacional e regional que influenciaram naquele microcosmo e ajudam a evitar o apagamento de suas práticas.

---

<sup>1</sup>Mestranda PPGEDU/UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agência financiadora: CNPq

A produção de memórias sobre uma instituição educativa deve, conforme Magalhães (2004), valorizar as diferentes fontes, marcas conservadas do passado que podem ser cruzadas para desenvolver múltiplas ações que, a todo momento, se relacionam. Utilizar as narrativas orais e o arquivo para tecer a identidade histórica da instituição prevê a análise de documentos como as fotografias, a arquitetura do prédio escolar, as memórias daqueles que estiveram envolvidos na instituição e outros materiais que compõem o *mosaico* das realidades que ali estiveram presentes.

A pesquisa em questão teve início em 2010 quando localizamos, em uma pequena sala no sexto andar da Faculdade de Educação, muitas caixas com diversos papéis antigos. Diante de tantos documentos, testemunhos vivos da vida institucional, percebeu-se a urgência da preservação do quase esquecido arquivo documental da FACED. Escolano (1990) explica que todos os elementos que compõem as instituições escolares falam, evidenciam valores e transmitem informações sobre a escola, a educação ou suas relações com a sociedade em cada contexto histórico.

É importante destacar que o acervo documental da FACED estava se deteriorando, encontrava-se armazenado em precárias condições que colocavam tais memórias em risco. Este descuido contribuiu para o esquecimento do cotidiano vivido por inúmeras pessoas: professores, alunos, diretores, funcionários, bibliotecários e outros. Diana G. Vidal, influenciada por Pierre Nora, destaca os arquivos como lugares de memória que estão “constantemente abertos a novas leituras acerca do passado e o presente” (2005, p.19). Lugares que necessitam de tratamento adequado pelas premissas arquivísticas que entendem a organização, preservação e descarte como procedimentos complementares. Nesse sentido, houve a mobilização da Faculdade para construir arquivo com instalações adequadas para preservar tais documentos e nele, acolher arquivistas, historiadores e bolsistas a fim de manter vivas as memórias da Faculdade de Educação da UFRGS.

### **Aportes teóricos**

O estudo em questão está situado no campo da História da Educação e suas interfaces com História das Instituições Educativas, seguindo os pressupostos teóricos da História Cultural. A corrente historiográfica denominada História Cultural possui caráter interdisciplinar e procura se distanciar da história de cunho tradicional. Ao valorizar os sujeitos como aqueles que fazem a

História de seu tempo, possibilita ao pesquisador realizar estudos que valorizem outros “objetos até então inexplorados” (CUNHA, 1999, p. 41). A partir do alargamento das possibilidades investigativas com esta vertente historiográfica, política e economia abriram espaço para temas como cultura serem explorados. Galvão e Lopes (2010) atentam que a legitimação das pesquisas no campo da História da Educação se deve a esta renovação do *olhar* lançado sobre os objetos de análise e fontes que foram legitimadas pela História Cultural.

Para Nóvoa (2005), é importante produzir um conhecimento histórico no domínio educativo, que não se limite a uma história meramente institucional, cronológica e estática, por não apreender a complexidade do mundo social e educativo. Com isso, uma História da Educação apenas centrada nos fatos tidos como notáveis, que desconsidera a atuação dos diferentes atores sociais, não é pertinente.

Para desenvolver este estudo que toma a memória como documento, a História Oral foi eleita como metodologia. No que se refere às narrativas de memória, é a História Oral que prevê a produção e análise de documentos obtidos por meio da oralidade. Os diferentes sentidos da memória vão além da simples capacidade de lembrar os fatos passados, para Almeida (2009), “as lembranças podem se apresentar como a ponta de um *iceberg*. Há um processo de interação entre os atos de lembrar e de esquecer” (p. 215). Assim, a memória é composta tanto de lembranças quanto de esquecimentos que precisam ser levados em consideração quando se trabalha com História Oral.

Desta forma, é necessário que o pesquisador esteja sensível à fala do outro (Errante, 2000), demonstrando a ele cumplicidade, respeito, solidariedade e atenção às narrativas. A construção de uma “ponte interpessoal” (Errante, 2000, p.152) entre aquele que fala e aquele que escuta, começa a ser estabelecida antes mesmo do primeiro encontro, quando ocorre o telefonema ou a escrita do e-mail, pois ali se operam as primeiras aproximações e começam a aflorar as recordações do entrevistado. Posteriormente, no momento da entrevista, ocorre uma interação entre o pesquisador e o narrador, que fala ou silencia sobre os acontecimentos passados, assim a metáfora da ponte ajuda a refletirmos sobre a constituição de uma relação de confiança necessária para o bom andamento da entrevista.

Esta metodologia de pesquisa privilegia as informações obtidas de fontes testemunhais, como depoimentos e narrativas colhidas através da técnica de entrevista que é gravada com som e/ou imagem e transcrita para análise dos conteúdos discursivos. Para

Verena Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes que visa o estudo da história contemporânea e consiste na realização de entrevistas com sujeitos que participaram ou testemunharam acontecimentos, neste caso, relacionados a uma instituição. Estes sujeitos contam suas versões sobre algum acontecimento e aproximam o pesquisador do objeto de estudo, pois a “memória é a vida, [...] ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9).

### **Entre Histórias e Memórias**

No *Projeto Memórias e Histórias da FACED*, foram realizadas dezessete entrevistas com antigos servidores que abordaram a história de vida, a formação profissional, as vivências no ensino superior, o ingresso e a trajetória na Faculdade de Educação. Foram vários questionamentos que buscavam conhecer as reminiscências mais representativas destes sujeitos, visando compreender como, no presente, eles recordam o tempo vivido nesta instituição e quais marcas ela lhes deixou. Cabe salientar que a escolha dos entrevistados obedeceu uma intencionalidade. O critério fundamental foi que a vivência na Faculdade se desse há muitos anos, preferencialmente desde a década de 1970, época da fundação da FACED como conhecemos.

Diante da manifestação de alguns entrevistados de não autorizarem a divulgação de seus nomes, decidimos preservar a todos e atribuímos pseudônimos para identificá-los. A inspiração para a escolha de árvores (Tabela 1) se deve ao fato de que o prédio da FACED, bem como todo o Campus Central da UFRGS, está rodeado por árvores nativas localizadas também no Parque Farroupilha, ao lado do Campus Central. A partir deste momento, os professores serão identificados da seguinte forma, salvo quando suas publicações estiverem sendo citadas:

**Tabela 1: Entrevistados**

Árvore	Ano da entrevista	Árvore	Ano da entrevista
Paineira	2010	Figueira	2012
Grevilha	2010	Flamboyant	2012
Palmeira	2011	Mimo de Vênus	2012
Ipê amarelo	2011/2014	Canafístula	2012
Ipê roxo	2011	Cinamomo	2012
Jacarandá	2011	Aracá	2013
Ébano Oriental	2011/2013	Plátano	2013
Tipuana	2011	Acácia	2014
Cipreste	2011		
<b>Roda de Memórias</b>			

Araucária	2011
Timbaúva	
Ligustro	
Pitangueira	
Guapuruvu	

Os trabalhos com memórias e, especialmente, com narrativas por meio da História Oral, oferecem uma dimensão singular para nos relacionarmos com o tempo vivido. Um fator importante para esta aproximação com o passado está relacionado ao ambiente aonde acontecem as entrevistas. Longe de ser apenas um espaço para conversa, ele deve ser avaliado com cuidado para garantir que haja o mínimo de interferências e promova uma imersão nas lembranças do sujeito. Nesta pesquisa, as entrevistas foram realizadas na própria Faculdade, o que parece ter sido uma ótima escolha, pois o prédio funcionou como um evocador de memórias.

Desde o momento em que pisaram no pátio do *Campus* Central até a entrada na sala onde aconteceu a entrevista, passando pelas árvores, corredores, elevadores, foi visível a emoção e a disposição de cada um para falar, provavelmente eles já estavam sensíveis desde o contato inicial. São muitos anos vividos naquele espaço, de repente, no evento da entrevista, alguns fragmentos deste tempo vieram à tona, emergiram das camadas mais profundas da memória e tornam-se lembranças que nos foram confiadas. Cabe ressaltar, por fim, que a História Oral suscita questões e formula perguntas ao passado sem a pretensão de responder ou solucioná-las. A narrativa oferece múltiplas interpretações ao pesquisador que não encontrará um final pronto, mas será conduzido a novos questionamentos para reconstruir os processos identitários, neste caso, da Faculdade de Educação da UFRGS.

Para conhecer outras nuances das histórias da Faculdade de Educação foi necessário entrelaçar as narrativas docentes à análise documental histórica e outros achados referentes ao período pesquisado. Deste modo, foi preciso mapear a trajetória da UFRGS e da Faculdade de Filosofia para conhecer o percurso de formação da Faculdade de Educação. O Relatório de Gestão do Prof. Elyseu Paglioli, as publicações comemorativas aos vinte e cinco e cinquenta anos da Faculdade de Filosofia e diferentes edições da Revista Educação e Realidade foram ilustrativos para traçar um panorama institucional. Contudo, não foi possível descartar a

leitura atenta dos decretos, portarias ministeriais, leis e normatizações que regulamentaram a educação brasileira e, sobretudo, gaúcha.

Por se tratar de uma pesquisa que privilegia as narrativas de memórias, a fala dos entrevistados foi entrelaçada com documentos do arquivo. Esse enlace não teve o objetivo de validar as falas, mas de localizá-las no tempo e no contexto, pois de acordo com Magalhães (1999, p.3),

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla [...], contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. Com efeito, a relação entre cada instituição educativa e a sua comunidade envolvente enquanto objeto historiográfico, construído a partir de uma reconceptualização e de um apurado cruzamento de informação, não esgota a problemática da descoberta de um sentido para a evolução histórica das instituições educativas [...].

Cabe destacar que a história da Faculdade de Educação precede em cerca de trinta anos a década de 1970 e esteve ligada à história da cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. A década de 1930, caracterizada como um período de mudanças políticas, econômicas e sociais que conduziram à reestruturação do cenário educacional viu, no governo provisório de Getúlio Vargas, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Ações ligadas ao Ministério, como a Reforma Francisco Campos<sup>2</sup> regulamentaram os diferentes níveis e modalidades de ensino. O Estatuto das Universidades Brasileiras<sup>3</sup> elaborou um sistema universitário nacional (SOUZA, 2009) e, pode-se dizer que a criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934<sup>4</sup>, foi um reflexo desta reestruturação educacional. Ela uniu os Cursos Livres Farmácia, Química, Medicina, Engenharia, Direito, Belas Artes, Agronomia e Veterinária e instalou em, 1936, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras que formaria os professores para o ensino secundário. O Curso de Pedagogia e Didática foi inaugurado em 1943<sup>5</sup>, com outros Cursos de Licenciatura (HESSEL E MOREIRA, 1967). Em 1947, a Universidade de Porto Alegre se transformou em Universidade do Rio Grande do Sul

---

<sup>2</sup> Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário.

<sup>3</sup> Decreto-lei n. 19.851, de 11 de abril de 1931. Regulamentação das Universidades.

<sup>4</sup> Decreto Estadual 5.758 (28/11/1934)

<sup>5</sup> Decreto Estadual nº 547 (06/06/1942) alterou seu nome para Faculdade de Filosofia com base na Faculdade Nacional de Filosofia (Decreto Federal nº 1190 de 04/04/1939).

que integrava cursos do interior do Estado até a federalização, em 1950, quando assumiu a sigla atual, UFRGS.

As memórias sobre a FAGED e a educação podem ser vistas, não apenas nas entrevistas do Projeto, mas nas publicações de muitos professores que procuraram, refletir sobre a instituição. Em 2010, dois docentes explicaram que a Reforma Universitária de 1968<sup>6</sup> “tratou-se de uma criação que não era esperada naquele momento, uma Reforma já pronta, no clima autoritário do Regime Militar” (BORDA; ANDRELA, 2010, p.300). Assim, sabemos que de 1943 até a Reforma de 1968, o Curso de Pedagogia esteve ligado ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia e, em 1970, foi desmembrado juntamente com outras quatro Unidades: o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, o Instituto de Letras e o Instituto de Biociências. Essa separação foi parte das reformulações da Reforma Universitária que “trazia consigo a proposta de ampliação de vagas no ensino superior e atendia, desse modo, a uma das reivindicações da classe média da época” (ALMEIDA, LIMA, MAZZEI, 2013).

Entende-se que os percursos vividos pelos sujeitos são importantes para se conhecer a instituição e desta forma, percebe-se as estreitas relações estabelecidas entre eles, a FAGED e a Universidade. Boa parte dos professores se formou nos antigos cursos da Faculdade de Filosofia, iniciaram a vida profissional como docentes do Colégio de Aplicação da UFRGS, que, até a década de 1980 funcionou como único campo de estágio para as licenciaturas e ainda, compuseram as primeiras turmas como alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação. São muitos anos dentro da Universidade e/ou Faculdade, para alguns cerca de quarenta, nos quais vidas profissionais e pessoais formaram tramas difíceis de serem desfeitas.

Ao longo das entrevistas, este tapete de memórias foi sendo tecido com muitos fios. As falas se tramaram de modo que, cada entrevistado falou sobre os significados da FAGED em sua história de vida e no contexto da UFRGS, destacou pessoas que, no seu entender, fizeram a diferença na Faculdade, avaliou a formação desenvolvida pela instituição ao longo de 40 anos e, por fim, comentou as dificuldades e conquistas da FAGED junto à sociedade. Diante da riqueza dos discursos identificados nas transcrições, elaboramos tabelas de análise

---

<sup>6</sup> Lei nº 5.540, de 28/11/68.

que fizeram emergir três categorias. A primeira dizia respeito às lembranças que os sujeitos guardavam da época da ditadura civil-militar, a segunda relacionada às greves das Universidades Federais na década de 1980 e, por fim, questões sobre o sentimento de pertencimento destes sujeitos à instituição.

Para os entrevistados, não havia como recordar da época da ditadura civil-militar sem rememorar que as décadas de 1960 a 1980 foram marcadas por uma sucessão de golpes que estabeleceram ditaduras em vários países da América Latina. No Brasil, esta manobra estava sendo arquitetada desde a década de 1950 com o auxílio dos Estados Unidos e seus apoiadores. Com isso, foram assinados os acordos MEC-USAID<sup>7</sup> que visavam o “aperfeiçoamento” (COSTA, 2009, p.27) e a padronização do ensino em todas as suas modalidades, com base no modelo norte-americano. Os pesquisadores da USAID alegavam que a educação e economia brasileira eram subdesenvolvidas e a Reforma Universitária atenderia as *necessidades* da educação nacional. A constituição da FACED “em 1970, num modelo que não tinha nada a ver com a história anterior” (BORDA; ANDRELA, 2010, p.300) surgiu na estreia da Reforma.

Neste cenário, os depoentes questionam questões como a divisão administrativa da FACED em três departamentos oriundos da Reforma que, ainda hoje, são os mesmos: Departamento de Estudos Básicos (DEBAS); Departamento de Ensino e Currículo (DEC) e Departamento de Estudos Especializados (DEE). Mas será que “tem ainda algum sentido? [...] Muita coisa mudou. Novas áreas de conhecimento e de ação passaram a ser priorizadas, sem que tenham o devido suporte na estrutura atual de nossos três departamentos [...]” (FIGUEIRA, 2012). Eles dizem que os professores de hoje talvez não questionem este funcionamento por não conhecerem ao certo sua origem.

Enquanto a Reforma Universitária mudava o funcionamento das instituições de ensino superior, a Lei de Segurança Nacional definia crimes, expulsava de cidadãos do país, fechava instituições e controlava as ações de todos. O governo se faz presente nas Universidades, cassando professores, confiscando teses e livros e controlando aquilo que professores, alunos e funcionários falavam. O Serviço Nacional de Informação (SNI) estava dentro das salas de

---

<sup>7</sup> A sigla representa a interação entre o Ministério da Educação e Cultura e a *Usaid States Agency for International Development*, uma agência do Governo Federal dos Estados Unidos da América que é responsável por programas de ajuda econômica e humanitária em âmbito mundial. A USAID ainda atua em programas de desenvolvimento sustentável no Brasil.



aula promovendo constrangimentos e disseminando o medo pela Universidade. Os sujeitos da pesquisa trazem narrativas permeadas pela subjetividade, suas falas são suscetível às vicissitudes de cada momento e guardam o mérito de trazer à tona nuances do passado, que podem estar esquecidas ou inatingíveis em outras formas de documentação.

Este é o caso daqueles que recordaram sobre o coronel Natalício, que ficava em um gabinete do SNI ao lado da sala da Reitoria da Universidade. O Coronel Natalício da Cruz Correa chefiava a Assessoria de Segurança e Informações da UFRGS (ASI/UFRGS), criada em 1968 (MANSAN, 2009) e percebemos que a relação deste coronel com os professores foi bastante controversa. Alguns falam que havia “coisas que tu não podia fazer sem consultar o assessor de segurança da UFRGS” (Jacarandá, 2011), enquanto outros dizem que “ele era muito acessível [e] não te criava muitos problemas” (Cinamomo, 2012). Talvez esse exemplo demonstre as contradições próprias da época em que se vivia, enquanto para alguns a presença de um militar na Universidade intimidava, incomodava, para outros era algo naturalizado que conferia certa segurança, diante da situação política de exceção que se vivia no país.

Por fim, sobre a ditadura civil-militar, os entrevistados recordam sobre a presença do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) dentro das salas de aula e nos corredores das faculdades.

[...] no intervalo [...] um aluno lá no fundo da sala se levantou e veio rápido pra frente [...], pegou o meu livro que tava na mesa e botou assim: professor te cuida que o meu vizinho é agente do DOPS. Daí, depois eu prestei atenção nele, era um cara que era mais velho do que eu professor, bem mais velho. Daí eu acompanhei ele [...] analfabeto, eu dando aula no ciclo básico numa universidade, e ele não tem a mínima ideia do que eu tô falando, ele não sabia o que acontecia na aula, não sabia nada e era recrutado pra dar informação (Palmeira, 2012).

Essas falas indicam a presença de *olheiros* que se instalavam nas salas de aula, segundo Bordas; Andreola (2010) “tínhamos alunos de todos os cursos e as turmas eram grandes, era um lugar propício para aparecerem os observadores” (2010, p.302). Em entrevista ao Jornal da Universidade, em 2009, uma professora conta que,

[...] Quando dava aula de didática, em 1972, nunca sabíamos quem eram os alunos, cada dia era um. Era uma disciplina para todos os cursos. E como eu nunca fui muito cautelosa, um dia, quando saí da aula, tinha um rapaz me esperando: “Querida, queria lhe dizer uma coisa, a senhora fala demais. Gosto da senhora, mas eu sou do DOPS, e se a senhora continuar falando, vou ter que dizer”. “Bom, eu agradeço”, respondi, “tá bom, então vou tentar manejar [...]”. (UFRGS, 2009, *on line*).

Para quem não viveu essa época, tais narrativas parecem carregadas de certa ficcionalidade e sabemos que isso é próprio do processo de memória. Mas fazendo um exercício de alteridade, pode-se tentar se colocar no lugar desses docentes e imaginar o cuidado que deveriam ter em suas falas corriqueiras, o temor de revelarem seus sentimentos e pensamentos.

Situação que começou a ser alterada com o fim dos governos militares e o retorno da liberdade de expressão. Respiravam-se *novos ares* na década de 1980, o que possibilitou transformações sociais na vida dos brasileiros e no cotidiano da Faculdade de Educação. A memória é indócil, avessa a linearidades e cronologias rígidas, levava os entrevistados da época ditadura às greves das Universidades Federais nos anos 1980 e vice-versa.

As lembranças apontam para muitas paralisações, hoje vistas pelos narradores como uma época de discussões, de tomada de posição. As narrativas dessas memórias transbordavam recordações comuns a quase todos que falavam daquele período de mudanças sociais e pessoais. Na tentativa de nos aproximarmos daquela realidade, procurou-se perceber nos detalhes trazidos pelos entrevistados como as *grandes greves* (Tabela 2) da educação na década de 1980, influenciaram no cotidiano da FACED e em sua constituição docente.

**Tabela 2: Greves década de 1980**

ANO	Duração	IFES em greve
1980	26 dias, de 16/11 a 11/12/80	19 universidades autárquicas e mais 7 escolas
1981	20 dias, de 11/11 a 01/12/81	19 universidades autárquicas e mais 5 escolas
1982	32 dias, de 18/11 a 20/12/82	18 universidades autárquicas e mais 3 escolas
1984	84 dias, de 15/05 a 07/08/84	19 universidades autárquicas e mais 8 escolas
1985	45 dias, de 10/08 a 23/09/85	16 universidades fundações
1987	44 dias, de 25/03 a 07/05/87	45 IFES (autarquias e fundações)
1989	66 dias, de 08/05 a 13/07/89	42 IFES

Fonte: Histórico das greves – UFSM (<http://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=greve>)

Estas greves iniciaram um período de afirmação da profissão docente, no qual os professores da UFRGS se juntaram às demais universidades públicas para reivindicar novos concursos, melhores salários e planos de carreiras entre outras demandas, pois “houve um período em que os salários estavam muito baixos, muito baixos e isso acabou estourando a primeira greve na universidade que foi em 80” (Jacarandá, 2011). Nos primeiros quatro anos

da década, as greves ocorreram anualmente, com períodos de paralisação que variaram de 20 a 84 dias. As reivindicações que não eram atendidas na íntegra após o retorno ao trabalho, retornavam à pauta da próxima paralisação. Para os entrevistados, estas primeiras greves parecem merecer maior destaque, principalmente, ao levarem em conta o momento de reabertura política que se aproximava com a campanha

das diretas em 84. Foi um ano de muita mobilização também. Daí, tudo se mistura na minha cabeça, a história das diretas com a greve, prá mim parece que tudo é a mesma coisa, e eu acho que em alguns momentos até foi mesmo, porque os docentes iam prá rua e se misturavam com outras categorias que estavam reivindicando um mundo novo, um Brasil melhor, relações mais diretas, mesmo (Ébano Oriental, 2013).

As mobilizações sociais, fortalecidas pela união dos diversos setores são encaradas como o disparador para as mudanças que começavam a ser realizadas, inclusive, no interior da Faculdade. Embora o país ainda vivesse sob as tensões impostas pelo final do governo militar, os profissionais procuravam solucionar os problemas que eram comuns a diferentes categorias e ampliavam as ações unindo seus contingentes em grandes marchas públicas. Os docentes ressaltam a importância da adesão de quase cem por cento dos professores que suspenderam as aulas e não divulgaram os conceitos finais dos alunos na tentativa de pressionar a Reitoria para o atendimento às reivindicações. Desta maneira, conseguiram noticiar amplamente suas reivindicações nos jornais que constantemente publicavam reportagens sobre o andamento das negociações.

*Nestas memórias*, entendidas aqui, sobretudo, pelo seu caráter coletivo e social (POLLAK, 1992) que estão sujeitas a transformações e mudanças decorrentes do tempo, os entrevistados destacam, de modo geral, as mesmas passagens e recordam com certo saudosismo a atuação dos membros da comunidade universitária à frente do movimento grevista. Para eles, a FACED experimentou um “amplo movimento participativo” (Jacarandá, 2011) e foi o ícone grevista que moveu a Universidade para a luta. Recordam também, que ela foi responsável por desempenhar “um papel, vamos dizer assim, decisivo [nas greves]. Quem realmente paralisou a Universidade foi a Faculdade de Educação [...]. Não houve uma formatura enquanto não acabou a greve” (Jacarandá, 2011). Contudo, nos deparamos com uma voz dissonante. A narradora recorda que, apesar de todas as conquistas, que não foram poucas e nem sempre mais as esperadas, fazer greve trouxe “alegrias e tristezas” para os

envolvidos no processo. “Isso significava não ter férias em janeiro” (Mimo de Vênus, 2012), além de prejudicar os alunos com o adiamento das formaturas e a retenção dos conceitos.

Com as greves, a FAGED iniciou um período de mudanças significativas, no qual, alunos e técnicos administrativos também pediam por melhores condições educacionais e trabalhistas. Suas ações conjuntas e discussões coletivas sobre os rumos da educação foram responsáveis por alterar o posicionamento político e curricular da Faculdade de Educação durante a “grande mudança de currículo da pedagogia que era se voltar [...] para os filhos das classes populares, onde estava a grande maioria das crianças da classe operária” (Flamboyant, 2012). Naquele momento, “não era só a greve, era uma opção da faculdade, uma outra linha que iniciava na FAGED como a preocupação com a educação popular” (Flamboyant, 2012). A Faculdade passou a respirar os “ares novos [...] da abertura de um grande consenso. Que até surpreendeu!” (Jacarandá, 2011).

Passaram a ocorrer constantes assembleias com os professores e era esperado que todos tivessem uma “posição em relação a apoiar ou não a greve [...]. Houve momentos de tanta definição que praticamente tu não conseguia ficar em cima do muro” (Flamboyant, 2012). De acordo com esta professora, tal fato foi positivo para o amadurecimento pessoal de muitos professores que participavam das reuniões. Embora naquele momento ainda houvesse grupos de direita e esquerda com pensamentos divergentes na FAGED, o corpo docente compreendeu a necessidade de passar a “decidir tudo coletivamente” (Flamboyant, 2012) e exercitou a democracia que ganhava forma. Para alguns, aquelas nem tão longínquas greves, foram “momentos bonitos no sentido de organização” (Ipê Amarelo, 2011), pois entre pares participavam ativamente do processo de melhoria da educação brasileira. Contudo, ainda restam algumas dúvidas sobre as representações deste passado grevista da FAGED, qual teria sido a repercussão com os alunos, principalmente os possíveis formandos? Quais os rumos da profissão docente se, naquele momento favorável, não tivessem aderido às greves? Apesar das dificuldades, os professores da FAGED se mostraram ativos no contexto das mobilizações dos educadores no Rio Grande do Sul.

Pensando nestes posicionamentos que ora são dissonantes e ora muito próximos, temos a última categoria identificada como forte na fala dos entrevistados. O sentimento de pertencimento e a identificação da FAGED como um espaço de constituição da própria identidade profissional. Na fala daqueles que ainda estão transitando em seus corredores ou

que já foram embora para outros desafios, identificamos duas falas, uma que engrandece a Faculdade como A principal responsável por seu reconhecimento profissional:

um significado muito grande [...] como A referência [...] da vida profissional que nada tem a ver com 40 horas, mas vida profissional que durante muito tempo, não sei, de dedicação exclusiva, como final de semana, vamos dizer assim, aulas, congressos, com discussões que me absorveu totalmente [...]. No fundo a universidade como todo, mas a referência principal é a FACED. Então, prá mim é meu lugar, meu espaço (Tipuana, 2011)

Outra voz, neste caso que vai de encontro a anterior, ressalta que na FACED seu reconhecimento profissional não foi o mesmo que em outras Universidades. Pela fala da entrevistada fica o indício de que, devido aos posicionamentos políticos da década de 1980, algumas pessoas eram colocadas em diferentes patamares devido à ideologia. “Tínhamos os deuses e o povo, eu era do povo, [...] minha vida se deve à UFRGS, mas o meu sucesso, o que hoje eu chamo sucesso, a minha autonomia, a minha afirmação [...] aconteceu depois que eu saí da UFRGS” (Mimo de Vênus, 2012).

Esta categoria foi a que mais diferiu em termos de pontos de vista. Havia aqueles entrevistados que só recordaram as melhores passagens e se emocionaram ao dizer que “trabalhar na FACED é um verdadeiro pacto com o diabo, porque tem esse caráter de uma paixão que [...] exige essa devoção completa. [...] Ela nos pertence como nós pertencemos a ela, é uma relação de mão dupla” (Ébano Oriental, 2011). Vemos nesta fala, algo que pode se dizer vai além do simples trabalho remunerado, ela e outros docentes parecem ter se dedicado muito a “essa instituição [que] ficará aderida a nossa história, não há como apagar, como dizer não quero mais, ela fica decalcada na gente” (Ébano Oriental, 2011).

Por fim, cabe destacar a identificação da FACED como extensão de seu lar, e alguns professores dizem que a própria vida se passou “aqui dentro, literalmente assim, sabe? Morava aqui dentro desse prédio da faculdade mais precisamente dentro desse setor aqui... essas coisinhas, os móveis, essa mesa era minha, sabe?” (Paineira, 2010). Paralelo a essa visão temos um docente que discutiu com um colega que não compactuava de sua opinião durante uma conversa na qual se referia à FACED como sua “segunda casa [...]. Um dia o professor [...] me disse, ‘ tu fala esta casa, mas não é nossa casa!’ Sei que não é... Tudo bem, eu entendo os motivos dele, mas continuo dizendo esta casa, esta casa é uma segunda casa” (Palmeira, 2011).

O que pensar sobre tais narrativas de homens e mulheres carregadas de emoção, em que se evidencia o entrelaçamento de vida pessoal e espaço de trabalho? Seria aquela voz dissonante alguém que tentou *nadar contra a maré* e acabou mal vista pelo grupo de maior influência política na instituição? Ou seriam aqueles docentes engajados, pessoas que assumiram o discurso que associa profissão aos ideais de missão e sacerdócio? Isso nos parece pouco provável. Seria, talvez, uma marca geracional, típica de décadas passadas em que o trabalhador mantinha uma espécie de devoção ao seu trabalho? Muitos dos entrevistados chegaram jovens à FACED e ali, agregando estudo e docência, formaram-se e transformaram-se construindo uma identidade que, de alguma forma, os singulariza e os distingue.

### **Palavras finais**

As relações entre memória e sentimento de identidade estão presentes nas narrativas destes sujeitos, professores da FACED. Suas falas possuem um tom autobiográfico, no qual a memória dá o tom para o sentimento de identidade, individual ou coletiva. Dessas análises percebe-se o quanto as entrevistas estão impregnadas de subjetividade. De um modo geral, vemos figuras que se constituíram professores na vivência dentro da FACED, um lugar que à medida que o tempo passava, ia se modificando e ao mesmo tempo recebendo a influência das pessoas que também se modificavam.

É interessante perceber como a vida de cada um dos entrevistados se tramou com as histórias da Faculdade de Educação e organizaram suas lembranças para atribuir significados às experiências. É o presente que faz o chamamento à memória, isso faz com que o professor aposentado ou afastado fale tanto do contexto do passado. Esses entrevistados lembraram daquilo que viveram e vivem na FACED cotidianamente e uniram os fios das vivências pessoais com a vida profissional, tramando a composição de um tapete ou uma colcha onde os desenhos se confundem e se atravessam.

Halbwachs (2004, p.150) explica a importância do “quadro espacial” para as memórias coletivas. Vale enfatizar o quanto esse grupo de docentes construiu vínculos com o seu lugar de trabalho, segundo o autor mencionado, “é sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos e que nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – é sobre ele que

nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças”. Sendo “o espaço uma realidade que dura”, então aquele prédio que por si só se constitui em um evocador de memórias, agrega esses docentes que, há muitos anos, para lá se dirigem, vão para as salas de aula, para suas salas de pesquisas e lá convivem com outras gerações, com alunos de diversos cursos de licenciatura.

De alguma forma, aqueles elos que uniam os docentes no passado, quando ressentiam-se da presença dos governos militares e depois nas lutas pelas melhorias no ensino superior público, ainda se manifestam, talvez de forma mais sutil, mas não menos evidente. Os laços que os aproximavam estão presentes ainda hoje, pois a FACED continua sendo um espaço de muitos embates políticos pela educação que se desdobram em diferentes nuances.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, DORIS A.; DE LIMA, VALESKA ALESSANDRA ; DA SILVA, THAISE MAZZEI . A constituição da faculdade de educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970 - 1985). *Tempo e Argumento*, v. 5, p. 317-346, 2013.

ALMEIDA, D. B. . **As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas**. *História da Educação (UFPEL)*, v. 13, p. 211-244, 2009.

BORDAS, Merion Campos e ANDREOLA, Balduino Antonio. **Os quarenta anos da Faculdade de Educação da UFRGS**. *Educação e Realidade*, maio/agosto, 2010, Porto Alegre.

COSTA, Bianca Silva - **O ensino superior na ditadura militar brasileira: um olhar através da “Revista MEC”**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Curso de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://btd.ibict.br/>>. Acesso em: 22 mai. 2012>. Acesso em: 20 jun. 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Nas margens do instituído: Memória/Educação**. *Revista da Educação*. ASPHE/FaE/UFPEL. Pelotas (5), jan.-jun., v. 3, n. 5, p. 39-46, 1999.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, A Memória é de Quem?** Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: *História da Educação*. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPEL. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

ESCOLANO, Agustín. **Presentación**. In: *Cien Años de Escuela em España (1875-1975)*. Salamanca: Kadmos, 1990.

FACED. **Entrevistas Projeto Memórias e Histórias da FACED**. Porto Alegre, 2014.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR., Décio (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Uberlândia: EDUFU, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HESSEL, Lothar e MOREIRA, Earle Diniz (orgs.). **Faculdade de Filosofia da UFRGS: 25 anos de atividades – 1942-1967**. Porto Alegre: UFRGS, Globo, 1967

LOPES, Eliane Marta; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural**: a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

MAGALHÃES, Justino. **Comunicação Contributo para a História das Instituições Educativas**: entre a memória e o arquivo. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 1999.

\_\_\_\_\_. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco.

NORA, Pierre. **Entre memoire et historie**. In. NORA. Les lieux de memoire. I. La République. Paris: Gallimard, 1993, p. XV – XLIII

NÓVOA, Antonio. **Apresentação da Coleção Histórias e memórias da educação no Brasil**. In. Stephanou, Maria e Bastos, Maria Helena Câmara (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2005.

PAGLIOLI, Eliseu. Universidade do Rio Grande do Sul: Uma fase em sua história. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1964. (**Relatório do Reitorado do Prof. Elyseu Paglioli**. 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964).

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, pp.72-90, Jan/Jun 2009

VIDAL, Diana. **Arquivos escolares**: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. Revista Brasileira de História da Educação. n.1. Campinas, 2001.

UFRGS JORNAL DA UNIVERSIDADE. **Encarte Especial: dos porões da história**. Porto Alegre, ano XIII, n. 123, nov. 2009. Disponível em:  
<<http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/123/encarte2e3.htm>>. Acesso em 22 maio 2012.



UFRGS. **50 anos da Faculdade de Filosofia**: publicação comemorativa. Porto Alegre: UFRGS, 1993. 133 p.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia de educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287 – 309.